

lampeja aqui e acolá em locais sem luminosidade. Nossa condição, ainda que com a incondicional aceitação da doutrina, é a de aprendizes incipientes nos temas da vida imortal e da evolução, conquanto devamos assinalar que isso não deve exonerar-nos da responsabilidade de ser aquele vagalume disposto a oferecer seu contributo sem pretensões e, persistentemente, rumo aos apelos a que todos somos convocados para a vanguarda.

Ao fim do dia, depois do encontro com Jandira, a visita ao segundo andar e o diálogo com H., Marcondes encontrava-se exausto, embora de bom humor. Chegava o instante do repouso. No outro dia, a rotina o esperava com muito a fazer. Naquela noite, ainda sobrou-lhe tempo para a reflexão. Em meio às intensas lições, recordou-se novamente do anseio em conhecer seu mentor. Quem seria ele? Por qual motivo, até aquele instante, não se pronunciara? Bailando nessas indagações, o discípulo adormeceu com o pensamento no bem.

⁽¹⁾ Identidade do espírito resguardada em função dos familiares ainda reencarnados.

⁽²⁾ Lucas, 12:48.

22

Subsolo 02

"Todo aquele que crer em mim ainda que esteja morto, viverá."

João, 11:25

As histórias do segundo andar impressionaram o novo aprendiz. Algumas horas de visitação, seguidas do instrutivo diálogo com H., incendiaram-lhe a curiosidade. A vida, no entanto, chamava-o a dilatar concepções sobre suas próprias experiências. Foi então convidado, pelo doutor Inácio a visitar o subsolo 02.

— Ninguém pode vir aqui sem um preparo interior.

— Terei condições, Doutor Inácio?

— Hora de medir suas resistências. Mais a mais, aqui se encontra boa parcela de sua última viagem carnal...

— ?...

O ambiente demonstrava a natureza dos casos graves que albergava. Nos corredores, muitos quartos apresentavam-se como celas carcerárias. Não havia enfermaria coletiva. Luzes baixas e gritos pavorosos. Diversas salas cirúrgicas e alguns salões com enorme número de máquinas parecidas com as incubadoras terrenas. Muitos pacientes monitorados por vasto contingente de aparelhos. Doutor Inácio e Marcondes vestiram roupagem anti-séptica apropriada.

Toucas, máscaras, sapatos, camisões e calças de cor-azul claro. Ao entrarem, externou o médico uberabense:

— Venha! Modesta nos espera.

— É aqui que ela trabalha?

— É aqui que ela “mora”, eu diria. Apesar de dirigir o pavilhão, passa a maioria de suas horas neste turbilhão de dor.

Ao avistarem Dona Modesta em meio a alguns biombos no posto, cumprimentaram-na:

— Como vai, Dona Modesta?

— Com muita esperança – respondeu, expressando manifesto cansaço. E você, Marcondes?

— Aprendendo muito.

— Modesta, como foi a noite? – indagou o médico.

— Conseguimos alguns passos significativos. Resgatamos o pivô da história. Agora será menos penoso libertar Marina das garras dos *justiceiros*.

Mudando o assunto, falou Dona Modesta.

— Fico feliz que tenha chegado ao subsolo Marcondes.

— Modesta, será que... – Doutor Inácio apontou para o biombo desejando abri-lo.

— Creio que será uma forma muito trágica de começar suas experiências, mas venha, Marcondes, olhe!

O dirigente olhou a criatura deitada na maca e chocou-se com o que viu. Estarrecido, porém apoiando-se na experiência dos dois servidores, disse:

— Desculpe, Dona Modesta... Vou vomitar... – e saiu para um canto, completamente indisposto.

— Respire fundo, amigo! Pense em Jesus Cristo...

— Doutor Inácio, o que é aquilo? Estou me sentido fraco e...

— Feche os olhos e pense em Jesus, sinta o Cristo. Lembre-se que é seu momento de desenvolver defesas em nome do amor.

— Inácio, não será melhor que Marcondes tenha mais tempo?

— Não. A solução de Marcondes está aqui, lembre-se?...

— Ah! – e colocou a mão na testa, num gesto típico – sim, recordei! Leve-o então à câmara dos ovóides.

— Está melhor? – perguntou Dona Modesta amparando-lhe a testa.

— Dona Modesta, perdoe-me a fraqueza. Uma coisa é ler sobre isto. Outra é vivê-la.

— Não há porquê pedir perdão, amigo. Siga com Inácio. Ele vai levá-lo ao seu destino.

— Agradeço-lhe, Dona Modesta – e saiu ainda olhando assustado para o biombo.

Caminhando pelos longos corredores, foi o psiquiatra de Uberaba quem puxou assunto:

— Antes que me pergunte, já vou lhe explicar quem é aquela criatura.

— É humano, doutor?

— Completamente, não! Apenas em metamorfose temporária. Na literatura espírita, você deve ter lido algo sobre os *dragões*.

— É um *dragão*?

— Exatamente.

— Mas aquela aparência⁽¹⁾ ...

— Para que você tenha noção onde pode chegar a mente! Agora procure se desligar. Vamos visitar um local muito delicado que solicita-nos o clima da oração e do sentimento puro.

— Aonde vamos?

— À câmara dos ovóides.

— O senhor captou meu desejo?

— Digamos que estou virando médium...

— Tinha muito desejo de visitar aquele...

- Aquele?...
- O ovóide que foi retirado de mim pela cirurgia.
- Ele está lá.

Na entrada, uma enorme placa com os dizeres: “*Todo aquele que crer em mim, ainda que esteja morto viverá*”.⁽²⁾ A pedido do médico, Marcondes ficou em uma ante-sala que funcionava como local de encontro. O ex-dirigente pesquisava os detalhes do local. Quando folheava um pequeno livro de reflexões, teve uma surpresa que mudaria sua vida na erraticidade:

- Marcondes, veja quem está aqui!

Ainda assentado, foi levantando lentamente com os olhares esgazeados, o coração disparou, os olhos marejados dirigiram-se ao médico como se solicitasse uma autorização e o doutor disse:

- Não vai abraçá-la?!

— Eulália! Minha querida... – abraçaram-se ternamente.

— Marcondes, que saudades! Que saudades!... – ela chorou copiosamente.

— Você está mais jovem e bela – e deslizava a mão pelos cabelos da companheira.

— Eu fui informado de que estava no Hospital, mas aprendi a esperar.

— Acompanho-lhe também os passos. Graças à Dona Modesta e esse médico irreverente – mostrou-se bem íntima do médico, apontando e balançando o indicador por duas vezes – tenho sido aconselhada a aguardar esse momento com paciência.

— Vou deixá-los a sós por um instante. Apresente sua tarefa a ele, Eulália. Regresso logo. E tenham juízo...

— Pode deixar, doutor. Deixe Marcondes aos meus cuidados.

- Eulália, eu...

Eulália solicitou carinhosamente silêncio.

— Não vamos falar de nós aqui. Teremos tempo e lugar para isso. Venha, quero lhe mostrar o que faço no Hospital – e pegou o companheiro pela mão.

- Veja só!

Marcondes não sabia se olhava para ela, ou para o que lhe mostrava.

- São ovóides. Eu vi no filme de minha cirurgia.

O interesse do aprendiz se dividia entre aquelas almas penalizadas pela máxima loucura e o olhar de Eulália. Ficavam em pequenas incubadoras do tamanho de uma caixa de sapatos, similares àquela usada em sua cirurgia. Algumas maiores, outras minúsculas. Ao todo, passavam de três mil histórias. Ninguém poderia supor que aquela ante-sala viria desembocar em um salão que ocupava quase metade do corredor subsolo 02. Médicos e auxiliares movimentavam-se em intenso trabalho. Nos casos em que as incubadoras eram abertas para análise, ouviam-se alguns silvos, zunidos estranhos, incomparáveis, emitidos por aquelas criaturas. Marcondes, muito atento a tudo, vivia uma emoção inédita, dividido entre a dor de ver aqueles quadros e a alegria de reencontrar Eulália. De repente, algo muito forte, como se fosse uma energia de atração fez Marcondes largar a mão de Eulália, virar-se para o lado contrário onde andavam e afirmar:

— Lá estão eles! – apontando para algumas incubadoras perto da parede.

- Quem?

- Nossos filhos!

Eulália não suportou a emoção e deixava as lágrimas rolares espontâneas sem dizer palavra por alguns instantes.

- Como você sabe?

- Não sei explicar. São eles?

- Sim, são eles. Oito ovóides que carreguei no ventre.

Meus filhos amados.

- Por isso você está aqui!...

— Pretendo recebê-los novamente na carne. Antes, porém, trabalho pela recomposição de suas formas. Veja, olhe este aqui. Seu último nome foi Marcel Pyrré. Olhe só como começa a formar uma perninha deste lado.

— Meu Jesus! Quanto tempo leva para isso?

— Nestas quase duas décadas de serviço, é a primeira forma mais parecida com membros humanos entre todos.

— Qual deles é... Você sabe...

— Este estava com você – apontou para o menor de todos.

— Está diferente da filmagem.

— Com o tempo, perdem a cor arroxeadada e a matéria viscosa que om envolvia.

— Isso é bom?

— Ótimo!

— Posso!...

— Claro! Toque-o assim.

Pegando a mão de Marcondes, Eulália juntou o indicador e o dedo médio, localizando o que seria a cabeça, orientando para passar de muito leve e com carinho os dois dedos.

Depois de alguns toques de ternura, o ovóide parecia ter acordado. Vibrava como o coração humano. Inchava e desinchava. Um zunido forte foi ouvido, e Marcondes assustou-se. Imediatamente, verificou uma intensa dor na região genital, sendo levado, rapidamente, de volta à antecâmara.

— Sente-se melhor? – perguntou-lhe Eulália.

— Que aconteceu?

— Frequência vibratória.

— Ele sabe quem sou?

— Não. Mas sente.

— Jesus! O que se lê nos livros nem se compara à realidade. São frios e úmidos. E...

— Repugnantes... Não tenha receios de se expressar – interveio Eulália.

— É verdade – confirmou Marcondes.

— Somente sob a luz do amor, pode-se amar essas criaturas.

— Apesar disso, sinto-me atraído para eles.

— São nossos compromissos...

— Concordo. Ainda que não saiba o que posso fazer por eles.

— Está passando a dor?

— Está diminuindo.

— Vai passar.

— Você está aqui este tempo todo, desde o desencarne?

— A câmara tornou-se meu lar, Marcondes. Logo depois de socorrida, após a morte, passei por cirurgias complexas até extirpar o último ovóide. Chegaram a diagnosticar que, somente regressando à carne, poderia ser feita a desvinculação de dois deles. Entretanto, graças a hábeis servidores do Cristo, do Mais Alto, fui encaminhada à colônia específica de ovóides, onde recebi tratamento adequado.

— Sinto-me refeito!

— Vamos chamar o Doutor Inácio e...

— Não. Agora não – interrompeu o cavalheiro, segurando-a pelo braço e olhando-a com firmeza.

— Marcondes, sei de seus sentimentos. Eu também estou como um caldeirão de saudade e alegria. Mas, devido aos nossos impulsos nem sempre dignos, pediria que todo nosso encanto afetivo fosse vivido na companhia de nossos tutores em favor de nós mesmos. Compreende?

— Sim, Eulália! Desculpe-me.

— Não há nada para ser desculpado, meu amor – e apertou as mãos do companheiro com incontido carinho, beijando-lhe a face com respeito.

— É que estou como um menino ao revê-la!

— Eu também! Porém, desta vez, nosso encontro obedece à incomparável ocasião de recomeço e aprendizado. Compete-nos agir como filhos sob guarda dos nossos orientadores no que tange ao futuro. Se nos permitiram o reencontro depois da fuga dos deveres, é para que possamos recompor o passado e construir nossa felicidade eterna.

— Esteja certa de que é meu desejo, Eulália. Custe-me quanto custar! Dou-me por satisfeito em abraçar-te sem culpa. Mesmo amando-a tanto, ainda não havia experimentado tão sublime emoção.

— Ocorre o mesmo comigo.

— Quero pedir-lhe perdão, Eulália.

— Perdão? Pelo quê?

— Por envolvê-la em provas desnecessárias.

— Prova voluntária, seria o termo adequado. Nada é desnecessário Marcondes. Já posterguei em demasia o compromisso que me aguarda a cooperação junto a estas almas. Não tenho mais tempo e preciso de seu apoio.

— Chamemos Doutor Inácio. Que de sua boca venha o melhor para nós – externou Marcondes com sinceridade.

O par afetivo mostrava-se disposto a conter seus impulsos amorosos, destinando suas emoções de afinidade para o serviço do amor universal. Consultaram o médico amigo que em resposta lhes disse:

— Um momento novo se avizinha para vocês dois. Eulália prepara seu retorno e você, Marcondes, ingressa em vivências indispensáveis ao seu ajustamento. Além disso, temos uma notícia boa para ambos... – e fez um suspense.

— Fale logo, doutor, quer nos matar do coração.

— Mortos não morrem, minha filha... – caçou.

— Já tivemos um momento tão belo em nosso reencontro, que boa notícia poderemos ter?

— Selena está de regresso hoje à tarde, depois do longo

curso com Odilon Fernandes.

— Selena?! Minha mãezinha de outrora! Não vejo o instante de abraçá-la. É muito para meu coração em um só dia.

— Faremos, portanto, uma reunião com Modesta, dentro de alguns dias, a fim de traçarmos metas de trabalho e crescimento. Enquanto isso, ambos acompanharão Modesta e a mim nos atendimentos do *segundo andar*. Existem vários casos que constituirão preciosas lições às suas novas experiências. Vamos ao trabalho!

O encontro entre Selena, Marcondes e Eulália foi coroado de ventura. Os laços se reataram em bases de esperanças com os compromissos futuros para o bem de todos.

(1) Nota da autora espiritual: abstenho-nos dos detalhes por não constituir objetivo deste trabalho.

(2) João, 11:25.